

SEMINÁRIO 1964-2014: UM OLHAR CRÍTICO, PARA NÃO ESQUECER. UFMG, Belo Horizonte-MG, 2014.

A resistência estudantil ao golpe civil-militar de 1964 na cidade de Ouro Preto-MG.

Machado, Otavio Luiz.

Cita:

Machado, Otavio Luiz (2014). *A resistência estudantil ao golpe civil-militar de 1964 na cidade de Ouro Preto-MG*. SEMINÁRIO 1964-2014: UM OLHAR CRÍTICO, PARA NÃO ESQUECER. UFMG, Belo Horizonte-MG.

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/otavioluizmachado/5>

ARK: <https://n2t.net/ark:/13683/pezx/0Cw>

Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.

A resistência estudantil ao golpe civil-militar de 1964 na cidade de Ouro Preto-MG

Otávio Luiz Machado (Faculdade Frutal)

Otaviomachado3@yahoo.com.br

Introdução

Como o primeiro pesquisador a desvendar os principais momentos que perpassam a relação do movimento estudantil com a resistência ao golpe de 1964 na cidade de Ouro Preto, ao tornar acessível muitos fatos históricos que ficaram praticamente somente na experiência de vida daqueles que por lá estiveram naqueles anos de ebulição política-ideológica, pensamos que a própria experiência de pesquisa do tema nos anos 2000 esteve marcada pelos resquícios deixados após o fim do ciclo da ditadura civil-militar nos seus 21 anos de duração, como o medo de comentar sobre o assunto ditadura ou golpe, a falta de informações sobre as atividades públicas dos dirigentes de órgãos do Estado nos mais diversos escalões, a manifestação pública ou crítica no sentido de impedir ou denunciar arbitrariedades advindas ou relacionadas com a ditadura etc.

Com o *boom* de publicações sobre o tema ditadura civil-militar no Brasil em meados dos anos 2000 (que geralmente registrava os fatos acontecidos nas maiores e principais cidades do País) e a abertura dos documentos de arquivos públicos inicialmente para consulta de ex-perseguidos que buscavam reparação do Estado ou para pesquisadores com autorização destes ou de seus familiares, o que se viu foi a maior tranquilidade por parte de estudiosos para conseguir pesquisar com mais intensidade o tema. Eu vivenciei a pesquisa um pouco antes dessa “abertura”, inclusive fui um dos primeiros pesquisadores a ter acesso à documentação do Arquivo Público Mineiro, que em 2003 pôde oferecer muito material digitalizado e providenciar cópias de documentos aos interessados.

A facilidade da nossa pesquisa, seja antes, seja depois dessa “abertura”, só se tornou algo concreto em função da adoção da metodologia da história oral, que nos permitiu entrevistar pessoas que estiveram em Ouro Preto ao longo do recorte temporal que marcou a ditadura civil-militar, ou seja, entre 1964 e 1985. Dos primeiros presos pela repressão aos envolvidos na campanha das Diretas-Já ou da reorganização das entidades estudantis nos meados da década de 1980, a nossa pesquisa resultou num contributo de valor histórico e memorialístico, pois fontes originais e análises pioneiras foram construídas e aos poucos vão sendo

disponibilizadas para que, além de fonte para futuras pesquisas, também contribua para que o conhecimento histórico do período seja conhecida para um número infinito de interessados.

A versão apresentada traz reflexões atuais do autor no momento, mas também não deixa de atualizar aspectos já levantados no livro *Um pequeno guia sobre o movimento estudantil e o golpe de 1964 em Ouro Preto, Minas Gerais*, que foi publicado em 2013 pela Editora Prospectiva.

No texto, além de analisar o inquérito ocorrido na Escola de Minas de Ouro Preto (EMOP) para averiguar possíveis atos de “subversão” praticados pelos estudantes e que foram minimamente pressionados por setores militares, também gostaria de poder incluir outros documentos também importantes, mas pelos limites desse trabalho tivemos que praticamente ignorá-los. Mas fica o nosso registro, inclusive para referenciar que o conjunto dos documentos do inquérito só foi localizado pelo autor dez anos depois que iniciou a pesquisa. O mesmo se encontra à disposição no centro de documentação da EMOP, no antigo prédio conhecido como Palácio dos Governadores.

Um Documento-síntese que também é fundamental para analisar, nesse caso, a atuação mais geral dos estudantes mineiros e brasileiros contra a ditadura, além de ser produzido em Ouro Preto na abertura do Congresso de Reabertura da UEE-MG (em 1979), é uma fonte preciosa para se entender o protagonismo do movimento estudantil ouro-pretano em outro momento da fase da ditadura, especificamente o de abertura política. Trata-se do discurso manuscrito de uma ex-líder estudantil que vivia na clandestinidade: Doralina Rodrigues (última presidente da UEE-MG antes do seu devido fechamento pelos golpistas).

Como recorte do presente texto, portanto, os dois primeiros anos do golpe de 64 ganham mais evidência, ao considerarmos que esse período marca uma primeira fase do movimento estudantil e de sua resistência ao golpe, que vai do expurgo inicial das principais lideranças à primeira tentativa efetiva de reorganização do movimento estudantil.

A herança dos movimentos estudantis dos anos 1960 em Ouro Preto

A entidade estudantil que mais teve peso político na história do movimento estudantil da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) foi o Diretório Acadêmico da Escola de Minas (DAEM). Criado em 1931, teve sua primeira reunião em 1º de novembro de 1932. O DAEM realizou inúmeras atividades ao longo

de sua história. Criou, em 1936 a Revista da Escola de Minas (existente até hoje), que é uma publicação técnico-científica na área de Engenharia, cuja comissão inicial foi composta de Jardel Borges, Raymundo Campos Machado, Walter José Von Kruger e Amâncio Lemos Figueiredo.

O DAEM também esteve envolvido na organização do Restaurante da Escola de Minas (REMOP), criado em 1959, cujos fundadores foram Francisco Carlos Pinheiro Faro, Euler G. Apolinário, Aziz Assi, Sérgio Bastos de Azevedo e Wilson S. R. Branco.

Para José Murilo de Carvalho,

“Desde a década de 1940, é provável que os alunos tenham sido o elemento mais dinâmico (da Escola de Minas de Ouro Preto). A eles está afeta a publicação da Revista da Escola de Minas, hoje o único veículo de divulgação dos trabalhos científicos produzidos na Escola. Deles também foi a iniciativa de criar a SICEG, já mencionada, que até hoje mantém suas atividades” (CARVALHO, 1978, p. 143).

Após o golpe de 1964, o ambiente universitário ficou completamente dividido entre os estudantes de “direita” e os de “esquerda”, que inclusive rivalizavam nas repúblicas de estudantes e nas disputas por cargos nos órgãos estudantis.

O Movimento Estudantil em Ouro Preto entre 1964 e 1969

O Brasil vivenciou uma forte tensão política a partir da renúncia de Jânio Quadros, em 1961. A política brasileira ficou marcada com aquele episódio, inclusive com o impedimento da posse de João Goulart (Jango) por forças militares. Em 1964, porém, nos momentos próximos ao golpe tais fatos puderam ser percebidos com os desdobramentos do Comício de 13 de Março, que sinalizou a existência de um golpe em marcha há algum tempo e que dificilmente poderia ser interrompido. Associado à inexistência de uma resistência efetiva e sistemática pelos militantes de esquerda, que ficou confirmada em seguida, entre 31 de março e 1º de abril de 1964, o golpe pôde ser constatado com a movimentação das primeiras tropas em Minas Gerais. O Presidente João Goulart deixava o poder e se exilava no Uruguai.

A pequena cidade de Ouro Preto foi marcada desde os primeiros dias do golpe com uma série de pichações e brigas entre os estudantes, bem como das primeiras prisões políticas. O delegado da cidade, que estava devidamente munido de uma lista dos “subversivos” rascunhada por setores conservadores ou reacionários de Ouro Preto, iniciou nos três primeiros dias – com a ajuda de milícias civis armadas –

diversas prisões de estudantes, políticos, operários e tantos outros que foram considerados “perigosos”. Algumas prisões ocorreram dentro das próprias repúblicas estudantis.

A bipolarização dos estudantes entre “comunistas” e “reaça” ficou mais clara após o golpe. Para Márcio Pereira, que foi preso em 1964, nos informou como as prisões foram realizadas: “começaram a ir na casa de um a um, fizeram uma milícia e os direitistas se apresentam nestas milícias (armadas) como “voluntários” (Depoimento de Marcio Pereira a Otávio Luiz Machado).

A cassação dos diretórios acadêmicos foi outra inevitável consequência. Enquanto os líderes do movimento civil-militar consolidavam o golpe, também estavam sendo tomadas medidas para barrar qualquer reação. A destituição de todos os órgãos estudantis em Minas Gerais foi uma ordem do comandante do quartel-general do ID/4, o general Carlos Luiz Guedes:

“Como imperativo do Movimento Revolucionário em curso, há necessidade de renovação total nos Diretórios Acadêmicos, a fim de que seus Associados possam decidir democraticamente sobre o destino de suas Agremiações. Tendo em vista a infiltração comunista constatada nas mesmas, ficam, a partir deste momento, dissolvidas todas as diretorias de Diretórios Acadêmicos das Escolas Superiores do Estado de Minas Gerais, da União Colegial de Minas Gerais e suas filiadas” (ofício de 14 de abril de 1964).

Os militantes estudantis que haviam sido presos em Ouro Preto nos primeiros dias do golpe começaram a ser soltos após as comemorações do dia 21 de abril de 1964. O Presidente Castelo Branco foi homenageado pelo Governador Magalhães Pinto em solenidade na Praça Tiradentes quando das comemorações cívicas em memória a Tiradentes e aos demais inconfidentes.

Mas os inquéritos de crimes contra a segurança nacional já estavam em curso, bem como os inquéritos internos da EMOP. O “Relatório de Crimes Contra a Segurança Nacional” de Ouro Preto, que foi elaborado e concluído meses depois – foi um documento fundamental para compreendermos a situação. Coordenado pelo delegado da cidade, Sebastião Lucas, na apuração de possíveis crimes contra a segurança nacional foram indiciados políticos, estudantes, professores, metalúrgicos e comerciantes.

Foram os principais indiciados:

1) Políticos: Benedito Gonçalves Xavier, Antônio Cardoso Roriz, Sebastião Francisco (Maria Preta), Júlio Armando Fortes, Kirki Gerônimo e Aderilho Fernandes (todos vereadores);

2) Professores: Oswaldo Magalhães Dias e Antônio Pimenta;

3) Estudantes: Nuri Andraus Gassani, Antônio Carlos Moraes Sarmiento, Eduardo Teles de Barros (Amazonas), Ney de Almeida, Wagner Geraldo da Silva, Marco Antônio Pereira, Rômulo Freire Pessoa, José de Paula Vasconcelos, Frank Ulrich Helmuth Falkenheim, Osamu Takanohasi, Haroldo Pereira da Silva, Jacques Herskovic, Nelson Maculan Filho, Sergio Antônio Pretti Maculan e Ivan Antônio de Tássis.

Das testemunhas que prestaram depoimentos acusatórios contra os indiciados circularam as seguintes categorias: 1) Comerciantes: 02; 2) Professores: 01; 3) Engenheiros: 01; 4) Estudantes: 04; 5) Ferroviários: 01.

Dos relatórios selecionamos alguns trechos dos depoimentos das “testemunhas” (considerados “dedo-duros”) com opiniões sobre as atividades políticas de algumas lideranças estudantis presas e indiciadas entre abril e junho de 1964:

a) “[...] é elemento que sempre declarou ser comunista, constando em comentários, sem nenhuma prova, que teria ele um transmissor e que em certa época alguém da cidade teria ouvido o mesmo [...], pelo rádio falando em linguagem que tinha a aparência de um código que não chegara a ser decifrado” (Relatório de Crimes Contra a Segurança Nacional – Ouro Preto).

b) “O depoente auxiliou várias prisões, como voluntário (...) que [...] era doutrinador comunista, constando mesmo que tinha contactos diretos com o Kremlin, em Moscou, de onde recebia instruções” (*idem*).

Porém, o que é mais interessante nos relatórios são as conclusões que os seus autores chegaram sobre a revolta estudantil de Ouro Preto, o que de imediato não concordamos:

“Ao procedermos as presentes investigações no meio dos estudantes de Ouro Preto, verificamos que as condições de vida miserável que levam os estudantes da antiga Capital de Minas, suas dificuldades de aquisição de livros, caríssimos, levam-nos muitas vezes a adquirir livros de procedência russa, fornecidos a preços irrisórios. O desconforto numa cidade em que o preço das utilidades andam á beira da morte, de tão caros, podem levar áqueles estudantes a um estado de revolta,

que os fazem esquecer de Deus e guiarem-se ao materialismo pagão” (relatório de crimes contra a segurança nacional- Ouro Preto).

No Documento referente aos inquéritos na EMOP (sobre apuração de subversão logo após o golpe de 64), o que se vê é um dossiê completo com ofícios, depoimentos e tantos outros presentes na juntada final. Como dissemos no início do texto, o mesmo não foi aqui analisado, mas não impede de apresentarmos uma minúscula parte dele aqui no nosso trabalho, especialmente a carta enviada pelo prefeito municipal à época ao diretor da EMOP, Antônio Pinheiro Filho. O que mais chamou a atenção foi a homenagem prestada pelo remetente aos vários estudantes da EMOP que atuaram com ele e com tantos outros como “voluntários da revolução”, o que mais uma vez reforça o que os depoentes nos narraram acerca da participação de civis diretamente na prisão e expurgo de opositores ao golpe na cidade de Ouro Preto, inclusive ajudando no policiamento da cidade contra “elementos nocivos”:

“Valho-me da feliz oportunidade para levar ao conhecimento de Vv. Excias e dos dignos Diretores da Escola de Minas, a meritória, patriótica e abnegada atuação de vários estudantes aí matriculados que, conosco, permaneceram noites e noites constante vigília a lares de varias famílias e autoridades desta cidade, na fase aguda da revolução de 31.3.64. Na qualidade de prefeito municipal e um dos responsáveis pela ordem e tranqüilidade da família ouropretana, mister se torna proclamar alto e a bom som a dívida insolvável de gratidão que a comunidade, onde vivemos, contraiu para com estes jovens que deixaram o comodismo, o conforto e suas primeiras obrigações para, patriótica e corajosamente, ajudar-nos no policiamento da cidade. Creia Vv. Excias que a nossa grande Pátria e os pósteros não de agradecer os esforços e desprendimentos com que, honestamente, estão Vv. Excias. cuidando de averiguar se, na Comunidade da benemérita Escola, existem elementos nocivos que desejam deslustrar o ambiente democrático e saturado de sublimes lições e sublimes exemplos de brasilidade, que sempre foram o apanágio do velho glorioso solar de Gorceix” (Carta de José Benedito Neves – Prefeito de Ouro Preto – à Comissão de Inquérito, Ouro Preto, 14 de maio de 1964, grifos nossos no Documento).

Foi inevitável o acerto de contas entre os estudantes quando a poeira começou a baixar. Muitos estudantes presos em abril de 1964 estavam se formando. Alguns ficaram mais tempo para concluir o curso em decorrência da prisão e do atraso nas matérias. Além deste ônus, algumas empresas estatais não aceitaram em seus quadros a entrada de pessoas que foram fichadas em 1964 ou em outros períodos da história.

“E teve uma reunião do Diretório em que eles não podiam mais ser chamados de colegas, mas de “senhores”. E houve na assembléia o pessoal de direita que nos defendeu, porque não gostavam deste tipo de negócio. E: “fulano, fulano e fulano não são mais colegas, e sim, senhores”. Deve ter sido em maio ou em agosto de 64” (MACULAN, 2003).

Para Maculan, que não apresenta nenhuma mágoa em relação ao comportamento dos colegas, pensa que as implicações do envolvimento dos estudantes no golpe de 64 são mais profundas:

“Eu tenho certeza que eles (voluntário da ‘revolução’) achavam que estavam fazendo o bem, que nós realmente éramos ‘perigosos’. Não tiveram a capacidade de verificar que estavam sendo usados, que eram instrumentos da elite da sociedade (...) Mas a nossa volta foi um sucesso. Foi festa. Aí você vê o que mais me magoou foi o pessoal que foi preso. E eu fiquei muito magoado com a atitude de colegas. Uma coisa é brigar. Mas prisão é uma coisa que saí do seu nível de conhecimento” (MACULAN, 2003).

A violência física também passou a rondar o quadro das disputas ideológicas: “A turma estava a fim de dar porrada em alguém. E eles (da direita) se sentiam ameaçados. Então tinham uns que andavam até armados (*Depoimento de Antonio Carlos de Moraes Sarmiento a Otávio Luiz Machado, 2002*).

Para Sarmiento, a discriminação aos “dedo-duros” foi muito forte:

“Alguns poucos daqueles que eram ligados a esses dedo-duros nas repúblicas começaram a ser discriminados por uma maioria que foi formada após o golpe militar e de antipatia aquela situação. Muitas daqueles que eram de direita, manifestadamente da direita e que não tinham participado do golpe nem de formação de nenhum bloco que apoiasse o movimento militar, ficaram de certa forma contrários ao que nos foi feito como prisões, acusações e não sei o que”.

A reorganização do movimento estudantil em Ouro Preto começou a ocorrer em 1965. Sob o comando de Hécio Pereira Fortes – que posteriormente seria assassinado pela repressão – o PCB foi devidamente consolidado em Ouro Preto. O mesmo mantinha uma ligação muito produtiva com o núcleo regional de Minas Gerais do Partido, que por sua vez estava com a liderança de Mário Alves. Tal grupo foi importante para a reorganização das entidades estudantis em Minas Gerais

O DAEM na gestão de 1965 teve poucas condições de atuar, pois além da ameaça de intervenção, o seu funcionamento dependia de ajustes de estatutos e da devida aprovação das autoridades acadêmicas. O Diretório 1965-66 foi composto

pelos seguintes membros: Presidente: Cleverson Cabral; Vice-Presidente: Ivan Antônio de Tassis; 1º Secretário: Benoni Torres; 2º Secretário: Jacques Herskovic; Tesoureiro: Rogério Vasques Benezath.

Mas o movimento estudantil foi reconquistando um pouco mais a sua força em 1966. A UEE de Minas Gerais, em ofício, convocou todas as entidades estudantis para as suas eleições que ocorreriam durante o XX Congresso dos Estudantes Mineiros. E com a palavra de ordem contra a Lei Suplicy: “Temos hoje força bastante para reafirmar nossa denúncia à Lei Suplicy, instrumento atentatório à livre organização dos estudantes. Força que provém dos próprios estudantes e de sua consciência democrática, que não aceita as imposições ministeriais” (Ofício de 15 de maio de 1966).

Em Ouro Preto, também, nas comemorações do 21 de abril de 1966, os estudantes e militantes puderam também realizar protestos na solenidade. Houve ali um espaço para contestação aberta contra o Governo militar, embora também estivesse todo o aparato militar aguardando para reprimir. Assim, os estudantes deram uma importante demonstração de indignação, conforme o depoimento de Nilmário Miranda: *“O 21 de abril de 1966 ficou na história. Costa e Silva era Ministro da Guerra e veio até Ouro Preto. E foi realizada uma manifestação, onde vários estudantes em muitos ônibus vieram dispostos inclusive a ser presos, conseguiram surpreender e saíram daqui sem serem presos. Aí teve uma assembléia no DCE da Gonçalves Dias em Belo Horizonte com o povo que chegou de Ouro Preto. E dali ocorreu uma arrancada para uma chapa da UEE/MG (União Estadual dos Estudantes de Minas Gerais) muito combativa, que é muito vinculada ao 21 de abril de Ouro Preto. Ali também era um lugar de manifestação que fazia o Governo Militar. Sempre fez manifestações de apoio à ditadura utilizando o 21 de abril. Portanto, os estudantes se mobilizavam para protestar no 21 de abril”* (Depoimento de Nilmário Miranda a Otávio Luiz Machado).

Ainda durante o ano de 1966 Minas Gerais contribuiria para o movimento estudantil brasileiro ao presidir o 28º Congresso Nacional de Estudantes da UNE que, mesmo oficialmente proibido pelo regime militar, funcionou com o apoio dos órgãos estudantis. A UNE realizava suas reuniões e eleições clandestinamente. O 28º Congresso foi realizado num convento.

Para Poerner (1979, p. 274), o principal resultado do Congresso da UNE em Minas Gerais foi o lançamento de uma palavra de ordem contrária à política educacional do Governo e contra o próprio Governo, que desencadearia em setembro

de 1966 nos protestos nas ruas de diversas cidades brasileiras, tanto contra a cobrança das anuidades, como contra atentado às liberdades democráticas expressos na repressão policial.

Considerações Finais

O golpe militar de 1964 provocou a interrupção da efervescência vivida pelos estudantes universitários até então. Além do fechamento de entidades estudantis, a prisão dos principais líderes estudantis nos primeiros dias do golpe, as universidades conviveram a partir daí com inúmeros IPMs (Inquéritos Policiais Militares) buscando averiguar possíveis crimes contra a “segurança nacional”.

Ao encerrarmos o texto, cremos ser possível concordar com um depoimento sobre o movimento estudantil de Ouro Preto: “Pouco se fala dele, mas ele foi crucial na resistência estudantil à ditadura, na reestruturação do PCB em Minas após o golpe, na formação da Corrente Revolucionária de Minas Gerais e da ALN, na constituição de um núcleo sindical politizado em Contagem e, finalmente, na estruturação da luta armada que se opôs à tirania” (Depoimento de Ricardo Apgaua à Otávio Luiz Machado).

O movimento estudantil no período indicado estava sem condições de ver atendidas suas reivindicações mínimas pelo Governo, nem pelas diretorias das faculdades e reitorias. Por outro lado, o crescimento vertiginoso do mercado de trabalho não era acompanhado do debate de novas propostas de formação profissional.

Sem condições de dar respostas aos problemas universitários, impedidos de debater o país e tendo-se iniciado um processo de desvalorização do diploma universitário, haja vista que o número de profissionais formados superava a demanda do mercado de trabalho, o movimento estudantil viu-se diante de uma contradição: foi autor de um projeto de reforma universitária, mas foi rejeitado quando o Governo resolveu fazê-la.

O que se pode concluir é que, na luta pela transformação da sociedade brasileira, as pautas específicas do movimento estudantil estiveram fortemente focadas na reforma do ensino e na questão da formação profissional no final dos anos 1950, e a partir daí passaram a estar mais associadas com uma luta política a medida que o compromisso com as reivindicações estudantis acabou por abranger a sociedade como um todo, porque adquiriu dimensão social a vinculação do jovem universitário ao processo de consolidação e expansão da ordem competitiva, levando-se em consideração que a juventude universitária que tinha a universidade como a

última etapa preparatória para a entrada no mundo adulto, também a tinha como canal de ascensão social

Documentos Consultados ou indicados para Pesquisas

DIRETÓRIO ACADÊMICO DA ESCOLA DE MINAS DE OURO PRETO. Atas das Sessões ordinárias e extraordinárias das Assembléias Gerais. 24 de abril de 1954 a 20 de maio de 1965.

____. Atas das reuniões de Diretoria. 26 de maio de 1958 a 9 de junho de 1962.

____. Atas das reuniões do Conselho de Representantes dos alunos da Escola Nacional de Minas e Metalurgia da Universidade do Brasil, 15 de maio de 1957 a 26 de outubro de 1962.

____. Atas das reuniões do Conselho de Representantes dos alunos da Escola Nacional de Minas e Metalurgia da Universidade do Brasil, 15 de maio de 1957 a 26 de outubro de 1962.

DEPARTAMENTO DE ORDEM POLÍTICA E SOCIAL – DOPS. Relatório de Crimes Contra a Segurança Nacional. Ouro Preto, 21 de Julho de 1964. DVS – 033.

ESCOLA DE MINAS DE OURO PRETO. *Atas da Congregação*. Diversas sessões. Várias datas.

UNIÃO ESTUDUAL DOS ESTUDANTES (UEE-MG). *Ofícios diversos*. Várias datas.

Livros e Artigos consultados

CARVALHO, José Murilo de. *A Escola de Minas de Ouro Preto: o peso da Glória*. São Paulo: Editora Nacional; Rio de Janeiro: Financiadora de Estudos e Projetos (FINEP), 1978.

FÁVERO, Maria de Lourdes de Albuquerque. *Da universidade 'modernizada' à universidade disciplinada: Atcon e Meira Mattos*. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1991.

GORENDER, Jacob. *Combate nas trevas*. São Paulo: Ática, 1987.

MACHADO, Otávio Luiz. "O Festival de Inverno e os Arquivos do DOPS". In: *Estado de Minas*, Belo Horizonte-MG, 2002.

____. "As repúblicas estudantis da Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil". In: *Revista Crítica de Ciências Sociais, Coimbra, Portugal*, Centro de Estudos Sociais, Universidade de Coimbra, p. 197-199, outubro de 2003.

_____. *Repúblicas de Ouro Preto e Mariana: trajetórias e importância*. Frutal: Prospectiva, 2013.

_____. *Movimentos Estudantis, formação profissional e construção de um projeto de país*. Frutal: Prospectiva, 2013.

_____. *Um pequeno guia sobre o movimento estudantil e o golpe de 1964 em Ouro Preto, Minas Gerais*. Frutal: Prospectiva, 2013.

MARTINS FILHO, João Roberto. *Movimento estudantil e ditadura militar*. Campinas: Papirus, 1987.

POERNER, Arthur José. *O poder jovem – história da participação política dos estudantes brasileiros*. 2ª ed. Ilustrada, revisada e ampliada. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

RIDENTI, Marcelo. *O fantasma da revolução brasileira*. São Paulo: Editora Unesp, 1993.

VELASCO E CRUZ. *Movimento estudantil e crise na política brasileira*, Campinas: IFCH/UNICAMP, 1991.